

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON
2 e 6 de outubro de 2020

EN KÄRLEKSHISTORIA / 1970
(“Uma História de Amor”)

Um filme de Roy Andersson

Realização e Argumento: Roy Andersson / *Direção de Fotografia:* Jörgen Persson / *Montagem:* Kalle Boman / *Interpretações:* Ann-Sofie Kylin (Annika Hellberg), Rolf Sohlman (Pär), Anita Lindblom (Eva), Bertil Norström (John Hellberg), Lennart Tellfelt (Lasse), Margreth Weivers (Elsa Helleberg), Arne Andersson (Arne), Maud Backéus (Gunhild), Verner Edberg (Verner), Elsie Holm (Convidado na Festa do Lagostim), Tommy Nilsson (Roger Hellberg), Gunnar Osslander (Gunnar), Gunvor Tännérus (Gunvor), Lennart Tollén (Lennart) / *Produção:* Ejnar Gunnerholm / *Gestão de Produção:* Waldemar Bergendahl, Rune Hjelm e Kalle Boman / *Música Original:* Björn Isfält / *Cópia:* 35 mm, cores, falada em sueco com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia Mundial:* 24 de abril de 1970, Suécia / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme mais belo de Roy Andersson é a sua obra mais espontânea e, por causa disso, a mais incaracterística? Apetece responder um pouco ao estilo da depressão muito cinzenta que toma conta das suas personagens-fantoches, em filmes como **Sånger från andra våningen** / “Canções do Segundo Andar” (2000) e **Du Lavande/Tu, que Vives** (2007). Portanto, cá vai: sim e não. Sim, porque antes de tudo se ter tornado um cinzento *tableau vivant* ou uma *wonder box* ocupada por homens e mulheres de cor pálida (naturezas-mortas com pessoas lá dentro?), de movimentos presos à eventualidade de uma imobilidade de morte, o mundo de Andersson parecia ser soalheiro, ligeiro, jovial, tomado pela luz e cor do mais maravilhoso verão sueco, altura em que familiares e amigos se reúnem à mesa para degustar lagostim, dançar e contar piadas. Era o seu, só seu, **Sommarlek/Um Verão de Amor** (1951), para citar um título de um realizador sueco que Andersson desprezava com a mesma intensidade com que o amava – é ler as entrevistas mas também ver os filmes para perceber como os desejos e as inquietações de um, na realidade, são os desejos e as inquietações do outro. Se, de facto, for um filme capaz de surpreender na relação entre dois adolescentes esse instante magnífico em que o amor e o desejo partem em igualdade de circunstâncias, confundindo-se, assim, o fogo sexual com a máxima ternura de uma amizade (carícias, beijinhos e gargalhadas cúmplices), então podemos dizer que **En kärlekshistoria** / “Uma História de Amor” está entre os belos poemas dedicados à juventude – sim, talvez mesmo na companhia do citado, e muito amado, filme de Ingmar Bergman. Mas – grande “mas” – Andersson evidenciava já neste sua primeira longa-metragem outro tipo de motivações.

Se, *sim*, há tudo isto, também, *não*, nem tudo são rosas na vida, de tal modo que o que aparenta ser soalheiro, ligeiro e jovial, nos surge tingido pelo que é sombrio, estático e cansado. Falo do mundo dos adultos, pelo qual a câmara de Andersson vai alimentando um gradual sentimento, se não de simpatia, pelo menos de empatia,

sobrepondo-se este ao tal doce frémito, proveniente desse magnífico primeiro amor. O relevante último plano de **“Uma História de Amor”** – incrivelmente cruel, à maneira do mais caído dos filmes de Buñuel – definitivamente mata o **Um Verão de Amor** que há ou podia haver dentro deste filme. Compreende-se, por força destes instantes finais, que Andersson se tenha instalado, depois deste estrondoso sucesso popular e de crítica, noutra ponta do universo, muito mais seco na forma e no conteúdo, caracterizado por um estilo objetivo ou uma cenografia tão rigorosa quanto desalmada. Depreendemos que não há salvação para quem acredita no amor na leitura que fazemos da imagem final, dada em contracampo, dos rostos de Pär e Annika. A câmara mostra os dois jovens enamorados estupefactos com a procissão de adultos que passa: pais, mães, tios e tias perdidos entre a névoa, depois da mais ridícula missão de salvamento da história da humanidade. Tudo o que liga – e faz o amor girar entre – Pär e Annika é vão e fátuo face à inevitabilidade de, na idade adulta, toda a gente se sentir só, frustrada e maltratada. Nos primeiros minutos do filme, o avô de Pär havia sido tomado por um louco – tomado por quem? Talvez por todos nós, espectadores à espera de uma bela história de amor sueca para estrangeiro ver – quando procurara gelar uma festa familiar declarando alto e bom som: “Hoje em dia a vida não foi feita para mim... Não foi feita para pessoas sós. (...) Estão a ouvir-me?” Não, não valia a pena, ninguém o ouvia, ninguém o queria ouvir. Mais tarde, perceberemos que também Pär e Annika, que já não são crianças porque estão prontos para amar, para aí caminham – aquele último plano encerra estes dois seres vivos na promessa cinzenta de um denso nevoeiro em que ninguém vê e ouve ninguém, ninguém comunica com ninguém e só se ouvem lamúrias ditas por gente triste...

A análise do sueco Stig Björkman, num livro de 1997 intitulado *Film in Sweden: The New Directors*, é perspicaz, porque não olha propriamente para **“Uma História de Amor”** mas, mais do que isso, olha para lá dela, *através dela*. Björkman reparava, já nesta altura, como Andersson é atraído pelo mundo dos adultos, como a liberdade formal, em sintonia com a história de amor dos jovens, surge ameaçada pela terrível e patética armadilha existencial que é a – *que vem da* – idade adulta. Depois, o crítico sueco enaltece este curioso “choque”: “As suas imagens são tremendamente precisas na sua documentação das trivialidades do dia a dia e, contudo, apresentam-se carregadas de sensualismo.” Com efeito, “sensualismo” é uma palavra que, muitos anos depois, cairia do léxico anderssoniano, ao passo que, sem dúvida, “tremenda precisão” parece ser a descrição mais loquaz que se poderia fazer do que viria aí. A propósito de **“Uma História de Amor”**, falamos em sensualismo, numa *dança de corpos e afetos* caracterizada por uma vibração qualquer que atribuiríamos, à data, aos primeiros Milos Forman, sobretudo **Lásky jedné plavovlásky/Os Amores de uma Loira** (1966). Esta dança – esta musicalidade sensual – está presente na banda musical, mas também no ritmo da montagem: no início, tudo flui como um rio revoltado mas vivo, *intensamente vivo*, mostrando como o amor na juventude se faz essencialmente de gestos e não de palavras.

Talvez a expressão mais lapidar e comovente destas ideias seja a sequência em que Annika se solta das amarras do seu bando de amigos, para correr atrás da motoreta do seu “wild one” em ponto pequeno. Pär começa por responder à pressão de grupo e parte com o seu “gangue de amigos”, mas depois, já com uma Annika desfeita em lágrimas, e quando menos se esperaria, vemos ao fundo o nosso herói regressando sozinho – significava este retorno que Pär também cortara com o seu grupo e, assim, definitivamente, daí em diante, assumiria essa sua paixão. Não há palavras aqui,

apenas o movimento dos corpos, uma coreografia subtil dada a ver à distância – a distância da câmara é justa, pois permite-nos abarcar tudo o que a cena envolve, todas as suas elevadas temperaturas, da partida dramática (oh, como no primeiro amor o mundo acaba, tantas vezes...) ao regresso heroico (oh, como no primeiro amor o mundo nasce e renasce, tantas vezes...). Não é o momento mais anderssoniano? Não, esse é o quadro poderosamente pessimista tomado pelo andar fatídico dos adultos rumo ao Purgatório invisível, mas também não sabemos situar maior ode aos *petite amoureuses* desta vida que nessa sequência. Querirá Andersson dizer que não há felicidade depois do primeiro amor ou que só a ele estão reservados os tais regressos salvadores, para lá dos quais tudo é vaidade e amargura – será esta a definição mais perfeita a dar à célebre *malaise* escandinava? Não sei, mas é Björkman quem notava, em 1977, como este havia sido o filme mais sueco de 1970, de tal modo que podia ter recebido um outro título, porventura mais justo: “Suécia 1970”.

Luís Mendonça